

# REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ATEÍSMO PRODUZIDAS POR PROFESSORES SEM RELIGIÃO

## ATHEISM SOCIAL REPRESENTATION PRODUCED BY TEACHERS WITHOUT RELIGION

**Lieny Munhoz Martins<sup>1</sup>**  
**Adria Dejanira Vilela da Silva<sup>2</sup>**  
**Alexandre da Silva de Paula<sup>3</sup>**  
**Eder Aparecido de Carvalho<sup>4</sup>**  
**Sergio Kodato<sup>5</sup>**

### Resumo

Esta pesquisa buscou investigar como o ateísmo, enquanto ausência de crenças na existência de divindades, é significado por professores de diferentes níveis de ensino. Referencia-se no paradigma da pesquisa qualitativa e no método de análise das Representações Sociais, sistematizado por Moscovici, Jodelet e colaboradores. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas com professores sem religião, do superior. A análise das entrevistas foi realizada através do método da análise de conteúdo. Os resultados indicam que o ateísmo é representado, enquanto uma atitude relacionada com variáveis sociais importantes na história de vida dos professores, tais como: a educação familiar, a ausência da tradição religiosa, as experiências coercitivas com a religião, a ciência enquanto cosmovisão de mundo e, por fim, acontecimentos inesperados não superados com a fé. A representação social do ateísmo emerge na oposição entre o conhecimento empírico-racional, baseado em evidências, e o conhecimento teológico, baseado em tradição idealista.

**Palavras-chaves:** Ateísmo. Religião. Crenças. Ciência. Representações Sociais.

### Abstract

This research aimed at investigating what is the meaning of atheism, as the lack of beliefs in the existence of divinities, for teachers. It is based on qualitative research and the Social Representations analysis method, systematized by Moscovici, Jodelet and collaborators. The data were collected through semi-structured interviews with teachers without religion from

---

<sup>1</sup>Psicóloga pelo Centro Universitário de Votuporanga (UNIFEV). E-mail: lienymartins@gmail.com

<sup>2</sup>Psicóloga pelo Centro Universitário de Votuporanga (UNIFEV). E-mail: adriavilela@outlook.com

<sup>3</sup>Doutor em Psicologia pela USP/FFCLRP. Professor no Centro Universitário de Votuporanga (UNIFEV). Psicólogo Escolar no IFSP, Campus Votuporanga. E-mail: aledpaula@outlook.com

<sup>4</sup>Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP - Araraquara). Professor do Instituto Federal Catarinense - (Câmpus Brusque-SC). E-mail: carvalhoeder@hotmail.com

<sup>5</sup>Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Professor Doutor da Universidade de São Paulo (FFCLRP). E-mail: skodato@ffclrp.usp.br.

primary school and higher education. The analysis of the interview was done using the content analysis method. The results indicate that atheism is represented, as an attitude related to important social variables in the teachers' history, such as: family education, lack of the religious tradition, coercive experiences with the religion, science as a worldview, and unexpected situations that were not overcome with faith. The social representation of atheism emerges in the theological contrast, based in the idealistic tradition.

**Key words:** Atheism. Beliefs. Science. Social Representations.

## **Introdução**

Esta pesquisa buscou investigar as representações sociais de ateísmo, construídas por professores sem religião que atuam no superior. O estudo envolveu temas relacionados com a formação científica dos sujeitos, as experiências com a religião e religiosidade e, ainda, as crenças distintas do cristianismo. Enquanto diretriz, problematiza-se como as representações sociais sobre o objeto da investigação, no âmbito educacional, elaboradas pelos sujeitos a partir de convivências coletivas, interferem nas posturas e práticas pedagógicas, em sala de aula.

De acordo com Michaelis (1998), conceitua-se como ateísmo: “a negação categórica da existência de divindades e entidades sobrenaturais”, ou seja, nessa doutrina, não se reconhece a presença de Deus ou de outros deuses no Universo. O ateísmo se opõe ao teísmo, que segundo o autor anteriormente citado: “defende a existência de deuses, ou seja, entidades divinas superiores que teriam sido as responsáveis pela criação do Universo e todas as coisas que nele existem”.

Diante disso, considera-se pertinente a reflexão de Paiva (1999) sobre como os professores se envolvem na análise do fenômeno religioso.

[...] é interessante estudar a Representação Social no grupo dos acadêmicos. Este, de fato, não é apenas um agrupamento de cérebros, mas um agrupamento de pessoas, num certo tempo e lugar, envolvidas na tarefa científica e em relações interpessoais, institucionais e amplamente sociais, tarefa e relações essas que certamente se complementam (PAIVA, 1999, p. 230).

A opção teórica e metodológica, orientada para a abordagem das Representações Sociais, permite ao pesquisador compreender a produção de significados sobre o ateísmo no discurso dos entrevistados e, além disso, desvelar dimensões latentes de um fenômeno definido no plano moral. Sabe-se o quanto o assunto “ateísmo” é alvo de resistências no debate público, o que é agravado com posturas preconceituosas, norteadas por intolerância e

prejulgamentos. É, neste sentido, que o diálogo entre ciência, formação para docência e ateísmo ocupa lugar de destaque na contextualização desta pesquisa.

O termo ateísmo, proveniente do grego clássico *atheos*, que significa "sem Deus", foi aplicado com uma conotação negativa àqueles que se pensava rejeitarem os deuses adorados pela maioria da sociedade. Com a difusão do pensamento livre, do ceticismo científico e do conseqüente aumento da crítica à religião, a abrangência da aplicação do termo foi reduzida. Os primeiros indivíduos a se identificarem como "ateus" surgiram no século XVIII.

Os ateus tendem a ser céticos em relação a afirmações sobrenaturais, citando a falta de evidências empíricas que provem sua existência. Os ateus têm oferecido vários argumentos para não acreditar em qualquer tipo de divindade. O complexo ideológico ateu inclui: o problema do mal, o argumento das revelações inconsistentes e o argumento da descrença. Outros argumentos do ateísmo são filosóficos, sociais e históricos. Embora alguns ateus adotem filosofias seculares, não há nenhuma ideologia ou conjunto de comportamentos que todos os ateus sigam.

Na cultura ocidental, assume-se frequentemente que os ateus são irreligiosos, embora alguns ateus sejam espiritualistas. Ademais, o ateísmo também está presente em certos sistemas religiosos e crenças espirituais, como o jainismo, o budismo e o hinduísmo. O jainismo e algumas formas de budismo não defendem a crença em deuses, enquanto o hinduísmo mantém o ateísmo como um conceito válido, mas difícil de acompanhar espiritualmente.

É nesta tensão, que se confrontam concepções de mundo divergentes e que as representações sociais de ateísmo podem influenciar relações interpessoais na sala de aula, ocasionando conflitos e enfrentamentos inconciliáveis. O indivíduo religioso (que vive segundo as regras de uma religião; que tem religião) se coloca como detentor de uma verdade absoluta e inabalável, apesar de evidências científicas, em contrário. O que se observa são resistências à correção acadêmica e o pouco (quando nenhum) diálogo com o que se mostra contraditório aos ideais de salvação da alma. É negada a escuta ou a interação com posicionamentos diversos e alheios – a verdade absoluta estaria expressa no texto bíblico. Dentro deste alinhamento, as cerimônias religiosas acabam por aproximar os sujeitos inseridos em determinado contexto religioso.

No que se refere especificamente à educação, há repetidos relatos de intolerância religiosa entre alunos, de professores para com alunos, de alunos para com professores. Vale destacar, ainda, a força da bancada religiosa no congresso brasileiro durante a discussão para aprovação do Plano Nacional de Educação, que barrou trechos do texto referentes ao combate à discriminação de gênero, raça e identidade sexual (KNOBLAUCH, 2017, p. 901).

Em sua análise sociológica, Durkheim (1996) parte da ideia de que a religião é uma instituição social que concebe normas e valores, buscando manter as pessoas agregadas. É possível, por outro lado, exercer a seguinte reflexão: o sujeito que se coloca como ateu (contrariando a imposição da prática religiosa) é submetido, nos moldes do pensamento durkheimiano, a uma sanção espontânea. Isso porque o ateu seria aquele que não aceita a existência de Deus (Entidade Transcendental). Em outras palavras, aquele que entende que o indivíduo não se originou a partir do criacionismo, em Adão e Eva.

Trazendo o debate para o pensamento clássico, recorda-se que, para Marx (2010), a religião aparece como um instrumento de alienação e dominação. Surge como o ópio do povo. A religião, enquanto criação humana, promove uma inversão: domínio do homem (criador) pela divindade (criatura). Nota-se um processo de alienação que atende aos interesses da classe dominante, a qual detém os meios de produção e reprodução do capital. A religião não orienta/materializa qualquer transformação e leva ao conformismo e resignação. Neste aspecto, segundo Marx (2010), a religião não passaria de um sol ilusório – que promove distanciamento do mundo real.

Para os ateus, a religião pode ser um instrumento ideológico, criado pelo próprio homem e não o contrário, impedindo os sujeitos de perceberem a própria condição de alienados. E, trazer isso à tona, pode promover uma relação de conflito com o sujeito religioso. Essa concepção ateuista coloca a criatura (aqui falando do indivíduo subversivo) que quebrou as regras tradicionais, sob a mira de sanções – mesmo que espontâneas. Lembrando que para Durkheim (1996), a religião (externa ao indivíduo) também emerge como uma criação da sociedade: não seria o criador que concebe a criatura, mas essa que cria o primeiro.

Neste sentido, a religião se trata de um produto, reflexo do pensamento coletivo. Ou seja, há uma proximidade reflexiva entre Karl Marx e Émile Durkheim. No entanto, para o filósofo alemão (crítico da religião), trata-se de instrumento de alienação/ilusão, e para o filósofo francês, a religião (reflexo de manifestação coletiva) trata-se de uma instituição que garante a coesão, mesmo que por meio da coerção de forças morais – instituição real e não

ilusória. Sendo assim, se para Marx, a religião aparece como algo que mantém relações desiguais de força (que anestesia a massa em prol dos interesses dominantes), para Durkheim a religião tem uma função social de grande importância, permitindo que o sujeito construa um sentido à vida humana. Herbert Spencer, August Comte e o próprio Karl Marx trouxeram que com o processo de industrialização (modernização) a religião perderia importância (secularização), mas isso não aconteceu. Durkheim, por exemplo, observava que o desaparecimento da religião (caso acontecesse) traria problemas, para além das mudanças sociais a religião permaneceria<sup>6</sup>.

Cabe ressaltar que Durkheim estava preocupado com uma teoria da religião (o sagrado e o profano), mas não com a divindade. Desta forma, este autor recebeu questionamentos por parte dos moralistas. Na atualidade, esse viés, de cunho moral, pode ser encontrado em movimentos sociais, que deram origem a projetos como a “Escola Sem Partido” – maneira de criar um espaço de censura ideológica (controle da prática pedagógica e fim da liberdade de cátedra). É um fato que a religião e o ateísmo propiciam discussões e, muitas vezes, distanciamentos – visto que está longe de expressar o consenso (envolvida por elementos distantes da materialidade). No entanto, a intolerância deve ser contida com ações educativas e transformadoras. É necessário evitar os exageros e ofensas à manifestação de crenças divergentes pelo outro, em sala de aula. É um risco não considerar que o abuso no discurso religioso pode vir carregado de crueldade e ódio ao diferente.

Com efeito, o assunto para o docente ateu apresenta agravantes importantes, tendo em vista a própria militância do movimento social, o “Escola Sem Partido” e políticos alinhados a esta agenda. A ação estratégica destes sujeitos repercutiu no cenário político brasileiro e emplacou vários Projetos de Lei em Estados, Municípios e no Governo Federal. Chama a atenção que a retórica desse movimento é de que o professor não deve expressar a sua visão de mundo em sala de aula, colocando “professores e alunos numa relação vertical, hierarquizada e desumanizada” (RAMOS; SANTORO, 2017, p 146). Soma-se a isso que o foco da polêmica não está sobre as religiões em si, mas, na forma com que “determinados grupos religiosos não aceitam antagonismos, e, no âmbito da política institucional, pode

---

<sup>6</sup> Max Weber (1997), por sua vez, também postula que mesmo com o “desencantamento do mundo” a religião permaneceria. O que haveria seriam processos de transformações, mas a religião não desapareceria.

correr o risco de tornar-se um discurso totalitário, ao promover um fechamento da possibilidade de diálogo” (MOUNTIAN, 216, p. 41).

O movimento social “Escola Sem Partido” opera com distanciamento do que Brzezinski (2010, 187) chama de “mundo real” das escolas brasileiras. Ou seja, um mundo construído diante de muitas lutas dos educadores e profissionais da educação, desde os anos 1980, “para resistir e tentar modificar as práticas autoritárias de traçar políticas educacionais consentâneas com interesses apenas dos que detêm o poder econômico e político”. O grupo político engajado com o “Escola Sem Partido” coloca-se, publicamente, como combativo e ativista, em oposição a uma suposta educação para a diversidade cultural e de gênero nas escolas. Esse movimento social, político e partidário tem apresentado articulação com fundamentalismo religioso. Neste aspecto, Carone (2002) chama atenção para situações em que a religião pode ser um instrumento para emplacar ideais totalitários, tal como ocorreu nos EUA, durante o regime de segregação racial, com confrontos violentos fomentados por grupos da supremacia branca.

O aspecto psicológico imanente a essa construção ideológica, que converte o agressor em vítima ameaçada e a vítima em agressor, consiste em estimular e justificar a violência contra os out-groups, neles projetando o que deles se imagina. Essa projeção, no entanto, pode ser clinicamente planejada pelos líderes fascistas pela racionalização da violência como mecanismo de defesa. (CARONE, 2002, p. 202).

Ataíde e Guimarães (2017) alertam que a diversidade é uma categoria de análise que vem se destacando na atualidade. Temas sociais como racismo, preconceito, discriminação e intolerância religiosa têm sido alvo de preocupações relevantes nas reflexões do meio acadêmico. E, “do ponto de vista da diversidade religiosa, diferentes religiosidades, crenças, movimentos, filosofias, religiões, dentre outras, contribuem e, por vezes, determinam os modos de como o ser humano se posiciona no mundo, orientando o relacionamento com seus semelhantes e com a natureza” (ATAÍDE; GUIMARÃES, 2017, p. 303). Contudo, em meio à intolerância e à calúnia às instituições públicas, sabe-se que as acusações ao trabalho dos professores de escolas e universidades públicas, que circulam nas mídias e redes sociais, não ultrapassam o crivo da evidência científica, da demonstração lógico-dedutiva com indicadores, estatísticas ou investigação longitudinal.

Esses ataques também fizeram parte do ambiente fascista que predominava nos EUA, durante a década de 1940 e 1950. “O fascismo norte-americano sempre se caracterizou pelo seu anti-intelectualismo ou filisteísmo, dirigindo-se às pessoas de baixa classe média

(com pouca escolaridade), aos sujeitos de meia-idade ou idosos com profundas convicções religiosas”. (CARONE, 2002, p. 198). Ou seja, o agitador fascista aproveita-se do cristianismo para operar manipulações psicológicas em prol de suas ideias totalitárias. Desta forma, a religião é empregada para a defesa de objetivos não religiosos. Para a autora citada, essas técnicas de manipulação de massas atuam na liberação de cargas emocionais represadas, oferecendo uma satisfação substituta e irracional perante o fracasso econômico. Portanto, há um foco no desejo ou predisposição psicológica dos grupos vulneráveis a esse tipo de manipulação, em dar vazão às frustrações.

Os indivíduos tendem a abandonar o autocontrole, chegando a um tipo de histeria coletiva. A autora citada argumenta que, em última análise, essas gratificações, que são irracionais, conduzem à regressão do eu e à imersão no coletivo. A figura do agitador fascista pode ser cultuada no âmbito do sagrado, do resgate ao pensamento mítico, encarnando a figura de como ser escolhido para salvação do rebanho contra o mal que se mostra presente o tempo todo.

[...] respondia a um chamado de Deus, sem qualquer referência à sua origem política, à sua erudição ou quaisquer traços que o pudessem qualificar como um líder político – ou seja, uma tela vazia (empty frame) que poderia ser preenchida pelas mais contraditórias concepções de seus ouvintes. Ele poderia ser imaginado como um pastor humano e benevolente, ou um soldado temerário, ou um ser humano emotivo, ou um astuto homem da vida prática, ou um agudo observador que conhecia todas as estórias escondidas e dúbias da sociedade e, finalmente, como uma alma pura que clamava no deserto (CARONE, 2002, p. 191)

Por sua vez, Arendt (1998) destaca o sentimento de solidão e o desarraigamento, ao se referir aos fundamentos do terror no governo totalitário. O terror é a essência do governo totalitário. Os indivíduos vulneráveis ao fascismo podem não ter raízes ou lugar reconhecido no mundo. Essa forma de desarraigamento pode ser a condição preliminar do isolamento. No âmbito da crise na educação, movimentos como “Escola Sem Partido” atuam em consonância com a fragilidade psicológica das massas, operando com o terror e a intimidação. Tendo apoio da camada popular religiosa e de setores específicos da sociedade burguesa, o programa “Escola Sem Partido” tem alcançado ressonâncias na organização de massas, cujo alvo são os professores das escolas públicas.

Esse movimento repercute diretamente na liberdade de expressão de professores com a postura ateísta. Essa ofensiva à diversidade de crenças e à liberdade de pensamento se

mostra em táticas invasivas, acusatórias e difamatórias. Nesse momento histórico, o professor ateu tende a ser ainda mais categorizado como “anormal”, desprovido da virtude moral, possuído por forças malignas ou satânicas.

É função do Estado garantir a proteção ao cidadão contra as categorias de violência (violência psicológica, física, moral, institucional, patrimonial, sexual, a prática de atos/ ritos religiosos ou negligência). E, para garantir essa proteção, o Estado precisa manter a neutralidade, cumprindo “o pressuposto das liberdades tanto políticas quanto religiosas. Por meio de políticas educativas, formação de servidores e empoderamento de líderes religiosos, para que não se silenciem diante de condutas violentas” (BANDIN, 2017, p. 20). Diante disso, surge a seguinte questão: quais as implicações da orientação para o ateísmo na vivência diária de professores do ensino básico e superior, num momento em que destoam forças antagônicas à democracia, à diversidade e à pluralidade de crenças nas escolas? Neste sentido foi proposto este estudo, tendo como foco buscar respostas com professores para compreender em que se pautam suas visões de mundo, interpretações e explicações sobre o ateísmo e a educação.

### **Metodologia**

Esta pesquisa utiliza-se da abordagem qualitativa na análise do objeto de estudo. O estudo se ampara na Teoria das Representações e propõe desvelar as opiniões e atitudes dos entrevistados, perante o ateísmo e suas implicações na educação escolar. Segundo Jodelet (2009), as representações possuem uma função expressiva, o estudo das representações permite desvelar os significados que sujeitos, individuais ou coletivos, constroem em torno de um objeto social e material e, além disso, “examinar como os significados são articulados à sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos, suas emoções e ao funcionamento cognitivo” (JODELET, 2009, p. 67). Neste enquadre metodológico afirma-se, ainda, a função comunicativa e normativa das representações, “como sistema de entendimento compartilhado do mundo, as representações oferecem padrões de conhecimento e reconhecimento, disposições, orientações e conduta, que transformam ambientes sociais (JOVCHELOVITCH, 2007, p. 191).

A Teoria das Representações Sociais é uma abordagem da Psicologia Social focada na análise dos conhecimentos cotidianos, o senso comum. Segundo Marková (2017, p.362), esta teoria promove a ideia de que há um desenvolvimento contínuo do pensamento de senso



comum ao pensamento científico, ou seja, “o pensamento científico se difunde no pensamento cotidiano”. Quando não há o reconhecimento da relevância e aplicabilidade dos conhecimentos cotidianos, que orientam a vida comunitária, podem ocorrer dicotomias: de um lado, a figura do professor (cientista) com o *status* de possuir um conhecimento rigoroso. E, de outro, a figura do discente, que procura nas crenças a singularidade para a existência.

### **Local**

A pesquisa foi realizada em duas cidades de pequeno porte do Estado de São Paulo, localizadas na região noroeste. Na primeira cidade, a pesquisa foi feita em um Centro Universitário, em três ambientes diferentes: na biblioteca, no Laboratório de Observação do Comportamento e, por último, em uma sala reservada na Clínica de Psicologia. Na segunda cidade, a entrevista foi realizada em uma sala de aula de uma escola pública estadual.

### **Descrição dos participantes**

O critério de escolha dos participantes foi que os professores atuassem em instituições de ensino superior, se declarassem publicamente como ateus ou ateias. Não houve restrição quanto ao sexo ou gênero. A pesquisa foi realizada com quatro professores, com origem em cidades do Estado de São Paulo. Foram entrevistadas duas pessoas do sexo feminino e duas do sexo masculino. Com relação à formação acadêmica: dois eram mestres, uma pós-doutora e um bacharel. Com relação à área de formação: dois em filosofia e dois em psicologia. Sobre o nível de atuação: três em universidade privada e um em escola estadual de ensino fundamental e médio. E, quanto ao tempo de carreira dos respectivos profissionais: 13 anos, 24 anos, cinco anos e oito anos.

### **Procedimento e Instrumento**

Os instrumentos e materiais utilizados para a coleta de dados consistiram em um roteiro com nove perguntas semiestruturadas e um gravador de voz para facilitar as transcrições das entrevistas realizadas. As entrevistas foram individuais, realizadas em dias diferentes, no período de duas semanas, tendo duração entre 40 minutos até 1 hora e 30 minutos. Inicialmente foi reforçado aos participantes sobre o tema e o objetivo da pesquisa, e em seguida foram entregues as duas cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Durante as respostas, poderiam surgir outras questões referentes ao tema, quando necessário, outras perguntas que não estavam no roteiro foram feitas, facilitando a compreensão daquilo que foi dito pelo participante.

## **Resultados e discussão**

A partir da análise de conteúdo, foram elencadas categorias temáticas que emergiram após as etapas de tratamento do material empírico. Para a formação das categorias, as entrevistas foram transcritas e houve uma leitura exaustiva das falas. Após a identificação de regularidades e singularidades nos discursos, propõe-se a apresentação dos resultados em sete categorias:

### *Ateísmo, condições sociais e intersubjetivas*

Nesta categoria os professores apontaram quais foram os fatores que promoveram a orientação para o ateísmo. Observa-se que houve um conjunto diverso de condições destacadas, ao longo das falas. Os professores indicaram que o ateísmo não decorre de um fator decisivo, mais de uma conjugação de fatos sociais e intersubjetivos, com destaque inicial para: a socialização familiar sem o vínculo com a religião, a formação científica, desilusões com a fé, a crítica aos ideais da religião, a imposição de valores e crenças. Questionados sobre os fatores que influenciaram a orientação para o ateísmo, os professores indicaram:

[...] basicamente decepção [...] fui passando por aquelas provações de Jó [...] eu fui a lua de mel [...] no último dia da viagem meu marido acabou com a viagem [...] culminou na coisa de eu não conseguir ter os bebês P1.

[...] essa escolha é determinada por uma série de fatores [...] presentes a longo da sua história de vida [...] a criança já nasce sob uma condição social que tem uma determinada religião [...] eu nasci em uma família que não tem um comportamento religioso P2.

[...] um outro fator muito importante na minha história de vida que influenciou essa escolha foi para mim, enquanto estudante da ciência, foi algo muito importante e muito valorizado também na minha família [...] P2.

Não teve nenhum ponto que me marcou, geralmente as pessoas se tornam ateus depois de alguma tragédia na vida pessoal, esse pensamento é inclusive meio preconceituoso [...] o que me influenciou, bom, minha razão me influenciou P3.

[...] é uma história toda de vida. Acho que não fazia sentido às explicações religiosas [...] eu comecei a questionar [...] até pela minha prática em ciência [...] ou você acredita em algumas explicações plenamente da ciência ou você abre mão de acreditar nelas P4.

A minha experiência com religião era imposta. E isso ajudou para que eu fosse ateu, porque não tinha uma prática em casa que favorece muito uma religião e, ao mesmo tempo, uma prática na escola imposta e sem sentido [...] P4.

Os fragmentos das falas indicam que cada sujeito produz significados sobre o ateísmo, a partir de sofrimentos psíquicos, angústias e experiências singulares à história de vida, desde a formação educacional e familiar, até os momentos críticos em decepções ou desilusões. Destacou-se a impossibilidade de uma participante ser mãe, o que não foi reparado com a espiritualidade. Neste sentido, quando a função religiosa de confortar o ego e de auxiliar o sujeito a superar suas angústias não se realiza, a crença espiritual numa figura sagrada é repensada criticamente. Constatou-se, além disso, que o ateísmo não decorre de uma escolha de fácil motivação, mas, de uma conjuntura de situações punitivas e frustrantes com a religião. Esse fato reforça o determinismo social e da cultura familiar na iniciação e manutenção com a prática religiosa.

Desse modo, em um contexto familiar pouco identificado com a religiosidade, os professores tendem a buscar outras visões de mundo, colocando em dúvida o idealismo e a moral judaico-cristã. De fato, os professores chamaram a atenção para o contexto social como variável de grande impacto na atitude como ateus. Enfim, o discurso dos professores salienta, também, que o ateísmo ocorreu como reação às práticas coercitivas das instituições religiosas. A ausência de sentido nos costumes e rituais da religião decorria, assim, da obrigatoriedade em ter de frequentar uma instituição, seguir regras sob o peso da imposição e do medo. Ressalte-se, também, que a formação e a educação racional, que ensina a teoria científica sobre a origem do mundo e o desenvolvimento das espécies, levam a uma dissonância cognitiva com relação às crenças religiosas.

#### *Formação acadêmica e docência*

Nesta categoria os participantes descreveram se havia alguma relação entre o ateísmo e a formação para a docência. A vida acadêmica foi apontada como fator que agregou na desconstrução e crítica consciente aos fundamentos religiosos tais como: o criacionismo ou em explicações do senso comum para os fenômenos da natureza. O ateísmo foi abordado como atitude relacionada a fatos que antecederam o contato com a licenciatura. Os professores indicaram que, ao longo da carreira, a ciência fortaleceu inquietações existenciais que já ocorriam, antes do exercício da profissão em sala de aula. Assim, questionados se houve influência da formação para docência e a postura como ateus, os participantes relataram:

[...] eu acho que ajudou, mas, na verdade, foi o fato dos meus pais não me criarem com nenhuma religião [...] eu acho que foi mais uma criação leiga do que propriamente os estudos. A formação como professor influencia em algumas questões [...] não acreditar em Adão e Eva por causa [...] P1.

A ciência foi um dos fatores, as explicações baseadas em evidências [...] enfraqueceram a religiosidade e obviamente me fizeram refutar todas as explicações e, conseqüentemente, refutar a ideia de um Deus [...] isso aconteceu antes de eu me tornar professora [...] P2.

[...] sou professor de Filosofia, mas antes, quando comecei a cursar engenharia já era ateu. Foi antes da Filosofia, outros conhecimentos gerais também me ajudaram P3.

Encontrei na ciência formas de explicar semelhantes àquelas que eu buscava [...] quando você começa a achar explicações físicas bem articuladas, fundamentadas, você começa a deixar um pouco de lado as outras explicações [...] P4.

[...] a pessoa começa a questionar e mantém a crença pra não se livrar da regra enquanto a realidade mostra pra ela outra coisa P4.

Observa-se que nesta categoria as falas indicam um *status* para o conhecimento científico, distinto do conhecimento religioso. A ciência foi significada como um critério de verdade para a vida, em detrimento das explicações pautadas no argumento religioso. Houve o reconhecimento da religião como um sistema social e simbólico, com um valor específico para manter a unidade da civilização. As explicações científicas surgiram como um contraponto entre discursos incompatíveis ou excludentes: o lugar do cientista (cético/ateu) e o lugar do religioso (crente/idealista). Enfim, se não houve uma relação direta ou fortemente marcada no discurso dos participantes, quanto à influência da formação docente na postura como ateus, os significados da ciência trazem à tona uma retórica consensual sobre o *status* do conhecimento acadêmico, em analogia ao conhecimento religioso.

#### *Ateísmo científico e ateísmo humanista*

Nesta categoria os participantes discorreram sobre crenças alternativas, valores e ideais que defendem, independente da espiritualidade judaico-cristã. As falas decorrem de reflexões sobre o altruísmo, amor ao próximo, compaixão pelos semelhantes e o apego afetivo com os alunos. Os professores indicam, também, posturas que corroboram indícios apontados anteriormente, onde a ciência tende a ocupar um sentido estruturante na compreensão de si

mesmo e do mundo. Enfim, questionados sobre no que acreditam, para além da fé religiosa, eles responderam o seguinte:

Eu acredito no outro [...] minha religião é amor [...] a gente deve fazer o bem sempre, devemos procurar ser o mais gentil possível, devemos ter o máximo possível de compaixão, devemos sempre pensar no outro [...] P1.

[...] eu acredito em energia que está por trás das coisas, um pouco como os gregos acreditavam na cosmologia, da fisis, da força que está por trás de tudo [...] eu acredito principalmente na bondade, acredito na compaixão [...] P1.

Se eu não acreditar na seleção natural ela vai deixar de existir? Não, eu não preciso acreditar nela porque ela é um fato científico certo, eu não preciso acreditar que ela existe porque ela é uma evidência algo comprovado, eu acredito nas evidências [...] P2.

Ciência. A teoria de Darwin, por exemplo, serve para muita coisa, a física quântica explica o universo, assim como outras teorias explicam outras coisas, enfim ciência, mas não a ciência como uma figura divina porque ela não é dona da verdade, nem explica tudo [...] P3.

[...] para entender o ser humano [...] a teoria, por exemplo, Darwiniana. Seleção natural das espécies, e outras teorias científicas que explicam [...] a origem da vida. Acredito em teorias científicas [...] não acredito em [...] nenhuma força maior que seja metafísica P4.

Nesta categoria nota-se que há um discurso que aponta para o dever moral e ético com o outro, no sentido de adotar a bondade enquanto prática comum, doar-se e entregar-se para alcançar um sentido para vida. Nesta dimensão, observam-se, portanto, princípios da moralidade cristã (a partilha moral entre bem e mal), com a idealização do bem praticado ao próximo, a caridade e a compaixão. Esse aspecto corresponde a uma forma de ateísmo classificado como humanista, ou seja, o discurso ao mesmo tempo em que indica críticas da ciência em relação à religião, concebe a religião como um fenômeno tipicamente social (KOSLOWSKI; SANTOS, 2016). Ocorre a substituição de um ser divino por uma explicação mística. Em vez de uma entidade, afirma-se a existência de um tipo de energia que mantém o universo. Já o conhecimento, com origem nas disciplinas científicas, foi apresentado como fato passível de verificação e comprovação por ser pautado em evidências. Na maior parte dos argumentos, os professores apontam para um ateísmo científico, o qual se pauta nas concepções de Darwin, Comte e Spencer. De acordo com Koslowski e Santos (2016, p. 822), essa forma de ateísmo encontra na teoria da evolução de Darwin uma importante diretriz para desqualificar as crenças religiosas, apontadas como cognitivamente falhas.

### *Tradição e doutrina religiosa*

Nesta categoria os participantes discorreram sobre os fundamentos bíblicos da religião, bem como as relações entre história e tradição religiosa. Por fim, abordaram conceitos sobre divindade e espiritualidade. Houve críticas ao fundamentalismo religioso, como: o preconceito contra mulheres, homossexuais e a descontextualização das regras instituídas na Bíblia ao mundo contemporâneo. Os professores apontaram reflexões que remetem à sociologia positivista, ao determinismo histórico e ao racionalismo crítico do paradigma científico dominante para questionar os escritos bíblicos. Desta forma, questionados sobre o que pensam sobre a Bíblia responderam o seguinte:

Eu acho que a Bíblia é um código de conduta, eu não acho necessariamente que ela tenha sido ditada por Deus [...] eu acredito em uma coisa que é o sociólogo Émile Durkheim [...] quando os homens adoram a religião, eles adoram os próprios homens no fundo P1.

[...] ela foi escrita aí há provavelmente em média de uns 2 mil anos [...] o que justifica as normas culturais que sociais, que aquele homem, daquela sociedade primitiva deva reger os comportamentos do homem que mora no Brasil em 2016? P2.

[...] não tem evidências de que isso tenha acontecido porque é muito difícil identificar os vestígios deixados por esse homem e... é muito difícil comprovar alguns milagres que esse homem realizou [...] os feitos de algumas pessoas podem ser fantasiados [...] P2.

Não é porque a Bíblia é antiga que é ruim, porque tem filosofia lá também, o problema é que tem partes que não se sabe quem escreveu. [...]. Tem muita incoerência no livro, até da parte histórica [...] as religiões são preconceituosas P3.

[...] doutrinação faz parte de toda religião, e doutrinar é ensinar o outro a pensar da forma como você quer, já a filosofia não é assim, pois ensina cada um a pensar e não te doutrina [...] inclusive o mais difícil para eles é ouvir outra opinião [...] P3

Não sei o quanto tem de real naquela história e o quanto de distorção. Acredito que mais de 90% seja distorção. Acho que não deveria ser um modelo de moral e ética. A gente vê que na Bíblia tem passagens de extrema crueldade, intolerância, agressividade [...] P4.

Nesta categoria a religião foi compreendida, novamente, como uma obra projetada pelo homem, assim como os escritos bíblicos e seus fundamentos. Os professores indagaram não apenas sobre o distanciamento entre as realidades, do período narrado na Bíblia e o período atual, mas também colocaram em discussão o dinamismo da sociedade e da cultura. Destacaram, ainda, problemas de interpretação do texto bíblico pelos homens ou líderes religiosos, o que incorre em limitações para adotar as leis que constam neste texto. Enfim,

chamou atenção nesta categoria que a religião, além de ser interpretada como consequência da ação humana, e não de um ser infinito, foi relacionada com práticas que podem ocasionar episódios de preconceito e violação de direitos humanos. Por exemplo, na perseguição, intolerância e violência contra “heréticos e pecadores”.

### *Existência da figura divina*

Nesta categoria as falas se referem aos conceitos sobre a existência de Deus. Nota-se que as interpretações sobre Deus envolvem a descrença de que há um ser supremo bondoso (devido às atrocidades humanas, ao sofrimento crônico e às guerras) e de que o homem projeta essa figura para explicar eventos incompreensíveis em sua vida. E, ainda, que em outras culturas há outros deuses que a tradição ocidental não reconhece em suas doutrinas. Desta forma, questionados sobre o que pensam sobre a existência de Deus, os professores responderam o seguinte:

[...] com tanta maldade circulando pelo mundo, com tanto coisa ruim acontecendo, com as pessoas se odiando tanto, eu não consigo perceber onde estaria esse Deus [...] na verdade, a minha tendência é achar que se existisse um Deus [...] não é lá muito bondoso P1.

[...] é uma ideia que é utilizada [...] para explicar fenômenos que a gente não consegue [...] fenômenos incontroláveis [...] a gente vai que se recorrer a ideia de um Deus para explicar isso [...] a religião é [...] uma forma de controle social P2.

[...] as pessoas precisam de uma muleta, precisam de algo para explicar quando não entendem algo [...] a figura divina é a criação mais incrível do ser humano, incrível não no bom sentido P3.

[...] as pessoas têm esse tipo de ideia [...] acabada precisando humanizar as coisas [...] tendemos a personificar essa imagem. Criamos Deus de acordo com os nossos reflexos [...] P4.

Observa-se que nesta categoria o significado de Deus está relacionado ao preenchimento de um vazio emocional, no sentido de suprir carências e receber um apoio em momentos de angústia. Destaca-se, portanto, que a figura divina é personificada enquanto projeção de faltas humanas. A religião novamente é apresentada como um fenômeno social e cultural, com destaque para a função de controle e formatação moral da sociedade. E, por se tratar de uma criação humana, os participantes compreendem que a religião deve ser relativizada, compreendida enquanto instituição histórica. Cabe a reflexão de Dawkins (2007) sobre a ideia de um ser divino enquanto pura espiritualidade, guiando e ajudando as pessoas.

Essa imagem é algo que traz conforto para aquele que crê. Para o autor citado, a religião pode contribuir para que a vida seja menos dolorosa e tenha um propósito metafísico. Contudo, cabe ressaltar que vivemos em sociedades globalizadas, plurais, com várias dimensões, dentre elas a religiosa. Esse fato torna visível o problema “de lidarmos com as diferenças, sobretudo com aquelas diferenças que são reflexo de vozes excluídas, que organizadas em movimentos sociais lutam contra o estigma de que foram vítimas pela própria sociedade” (OLIVEIRA, 2007, p. 226).

#### *Vida após a morte*

Nesta categoria os participantes discorreram sobre a relação entre religião e vida após a morte. As falas indicam que a esperança em uma vida eterna, num lugar harmonioso e pacífico, é um dos pilares que mantém o homem no hábito religioso. Ou seja, foi consensual para os professores que a religião fornece um sentido para a vida após a morte. Essa seria a função da religião, com destaque nas falas a seguir:

[...] religião é muito confortável, ela dá um sentido para a vida, ela justifica muita coisa, [...] elas têm muito mais conforto que alguém que não é ((crente)). Você acreditar que vai morrer e que vai encontrar os seus entes queridos [...] P1.

[...] essa justificativa de uma noção de uma continuidade, para além da morte que as religiões oferecem... talvez isso pode dar um conforto para essa noção de finitude [...] você vai para um lugar que vai ser lindo bonito, tranquilo [...] P2.

Esse é o grande poder da religião, promete algo que ninguém voltou para contar se ela cumpriu ou não [...]. E uma das características do ser humano é a angústia da morte [...] é mais fácil acreditar na religião partindo desse princípio da morte P3.

O conforto da morte é uma forma eficaz de você se esquivar. Fuga e esquivar. São respostas altamente reforçadas porque elimina o sofrimento imediatamente quando você pensa nisso: estou sofrendo agora, mas no futuro não sofrerei mais P4.

[...] a gente acha explicações para vida, morte, para uma série de coisas na ciência. Podem não trazer o alívio que traz para algumas pessoas [...] P4.

As representações sobre o objeto de estudo, o ateísmo no discurso dos professores, estão ancoradas tanto na forma humanista de ateísmo, ao reconhecerem a religião como sistema social e simbólico que conforta o homem, como na forma científica de ateísmo, ao refutarem qualquer explicação que não seja baseada em evidências. É possível notar o quanto foi recorrente a cisão entre ciência e religião, a partir da tensão entre o “nós”, cientistas e



ateus (portadores da disciplina científica) e o “eles” religiosos (que compartilham a falta existencial) que almejam a vida após a morte.

### *Preconceito e intolerância religiosa*

Nesta categoria os professores discorreram sobre fatores que consideram prejudiciais, devido aos dogmas religiosos, à imposição de regras e aos julgamentos à conduta dos indivíduos. Como pode-se notar em categorias anteriores, a religião foi identificada como obra humana, que oferece a esperança de um lugar melhor, perante a finitude da vida. Questionados sobre quais os aspectos eles discordam das doutrinas religiosas, os professores responderam o seguinte:

Acho que dogmas, por exemplo, que em uma sociedade multicultural como a nossa veem a questão da homossexualidade como uma coisa muito ruim e que promovem homofobia, eu acho complicado [...] P1.

E aquele que é religioso não aceita que o outro seja ateu, e fala: “Como é que pode? Mas não é possível. Essa pessoa deve ser do mal. Nossa, não posso mais falar com essa pessoa”. Então eu acho que existe um preconceito muito grande P1.

[...] a função da mulher é ser bela, recatada e do lar certo, essas são atitude que eu discordo são atitude que violam e promovem alguma discriminação que promovam a segregação que promovam a redução de direitos P2.

Qualquer tipo de fanatismo, que inclusive gera algum tipo de preconceito. Já ouvi de alunos que eles não acreditam na ciência, há alguns por exemplo que não aceitam estudar Darwin P3.

Outro preconceito é o de achar que o sujeito é estranho porque é ateu e achar que o ateu é ateu porque não conhece a palavra de Deus P3.

A religião tem um modelo coercitivo de controle: você não pode fazer isso porque vai para o inferno [...] é um modelo muito errado porque não podemos ter um modelo que a gente evita pela punição, pelo medo P4.

Os participantes assinalaram que o homem religioso tende a assumir posturas pela coerção e pelo medo da morte, de tal forma que podem manifestar preconceitos, sem a devida reflexão sobre a condição humana do outro. Essas formas de preconceitos foram colocadas como ataques aos direitos humanos de minorias, as quais são alvo de outras exclusões e desigualdades. Além disso, percebe-se a preocupação dos professores quanto à exploração da alienação dos fiéis, por parte dos líderes religiosos, bem como os apontamentos sobre o

aprisionamento num tipo de discurso de promover a aceitação sem questionamentos devidos. Foi consenso que as orientações religiosas interferem na liberdade de expressão sexual de homossexuais, nos direitos de mulheres e na aceitação pública dos ateus. Segundo Filla e Fantini (2009), a intolerância do homem religioso em direção ao indivíduo identificado como ateu é notável nos atos cotidianos e nas mídias sociais. Para os autores citados, esses discursos intolerantes que circulam nas redes colocam em questão a laicidade do Estado, o direito da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTT) e, ainda, defendem o ensino religioso nas escolas.

### **Considerações finais**

Neste estudo, os professores investigados salientaram que a postura como ateu decorre de fatores contextuais, do ambiente social e de escolhas pessoais. As variáveis apontadas indicaram a educação familiar com pouca tradição e prática religiosa, experiências punitivas ou desagradáveis com a religião, a adoção da ciência enquanto cosmovisão de mundo e, por fim, sofrimentos psíquicos não superados com a fé. Os professores assinalaram um distanciamento entre ciência e religião, tendo em vista que a atitude preconceituosa pode impedir que teorias científicas sejam compreendidas por alunos orientados ao criacionismo. Os questionamentos à religião tiveram origem anterior à formação para a docência. A crença religiosa foi apresentada como incompatível com as explicações pautadas em evidências empíricas. Desse modo, apontaram-se dois caminhos inconciliáveis: ou o sujeito adere a uma explicação racional, pautada na coleta de dados, ou abre mão dessa forma de conhecimento e opta pela fé.

Houve, também, a confirmação de que na ausência da crença religiosa, a explicação científica produz sentidos sobre a vida. Prevaleceu a noção de que os indivíduos recorrem à religião quando vivenciam experiências impensadas ou graves sofrimentos, como a morte, a infertilidade ou as doenças crônicas. A construção do espaço escolar, pautado em pressupostos democráticos, na alteridade e na tolerância de ideias, é fundamental para a prática docente, uma vez que este ator social ocupa um lugar privilegiado na formação de novas gerações, num Estado laico. Notou-se que o ateísmo é um tema que agrega conceitos e posicionamentos polêmicos.

O professor que se apresenta como ateu pode ser alvo de prejulgamentos que denotam uma imagem depreciada, associada à encarnação do mal ou a forças profanas.

Contudo, não se trata de promover o enfrentamento de valores no espaço escolar, enquanto reprodução de conflitos sociais com origem no dogmatismo ou no fundamentalismo. O presente estudo buscou dar visibilidade para um tipo de orientação para existência individual, que pode ser discutida para além de estereótipos. Compreender como os professores representam o ateísmo é uma tarefa que pode auxiliar para desmistificar crenças que penalizam sujeitos em sua liberdade de expressão e existência alternativa.

Enfim, as investidas sistemáticas aos professores devem ser analisadas com pleno uso da consciência crítica, da razão (esclarecimento), da lógica dialética e emancipatória. Isso pode gerar tanto o engajamento na produção acadêmica quanto a mobilização social, em busca do questionamento de propostas que desmontam uma estrutura escolar, que já funciona em meio a sucessivos desinvestimentos. Aquilo que se busca apagar da educação escolar brasileira precisa ser reescrito, renovado com toda a potência intelectual e aplicado à realidade dos alunos. Assim, é possível contribuir para com o trabalho dos professores, de tal forma que seja fortalecido o sentido das atividades escolares, amenizando os efeitos da alienação e do sofrimento coletivo, diante de arbitrariedades.

Os resultados indicam que o ateísmo é representado, enquanto uma atitude relacionada com variáveis sociais importantes na história de vida dos professores, tais como: a educação familiar, a ausência da tradição religiosa, as experiências coercitivas com a religião, a ciência enquanto cosmovisão de mundo e, por fim, acontecimentos inesperados não superados com a fé. A representação social do ateísmo emerge na oposição entre o conhecimento empírico-racional, baseado em evidências, e o conhecimento teológico, baseado em tradição idealista.

### **Referências**

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ATAIDE, M. A.; GUIMARAES, J. A. M. de A. P. V. Diversidade cultural e intolerância religiosa: uma afronta aos direitos humanos, uma questão de educação. **Momento: diálogos em educação**, v. 26, p. 297-312, 2017.

DOI: <https://doi.org/10.14295/momento.v26i2.7105>

BRZEZINSKI, I. Tramitação e desdobramentos da LDB/1996: embates entre projetos antagônicos de sociedade e de educação. **Trabalho, Educação e saúde**, v. 8, n. 2, p. 185-206, 2009.

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462010000200002>.

BANDIN, C. As presenças ocultas da intolerância religiosa. **Revista Labirinto**, v. 26, p. 8-22, 2017.

CARONE, I. Fascismo on the air. **Lua Nova**, n. 55-56, p. 195-217, 2002.  
Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452002000100009>.

DAWKINS, R. **Deus, um delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 528

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FILLA, M. G.; FANTINI, J. Â. A construção mutual de discursos intolerantes: ateus, agnósticos e religiosos. **Memorandum**, 30, 199-223, 2016.

JODELET, D. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, v. 24, n. 3, p. 679-712, 2009.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber, representação, comunidade e cultura**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

KNOBLAUCH, A. Religião, formação docente e socialização de gênero. **Educação e Pesquisa, São Paulo**, v. 43, n. 3, p. 899-914, 2017.  
DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-9702201707163363>.

KOSLOWSKI, A.; SANTOS, V. Revisão do conceito de “ateísmo” na literatura contemporânea. **Sapere aude**, v. 7, n. 14, p. 810-826, 2016.  
DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2016v7n14p810>

MARKOVÁ, I. **Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo. Boitempo, 2010.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998. Dicionários Michaelis, 2259 p.

MONTEIRO, C. R. Saúde do corpo e da alma: aspectos políticos e teóricos da integralidade do cuidado na perspectiva do Estado brasileiro e as diferentes tradições de matrizes africanas. In: CRPSP. (Org.). **Psicologia, laicidade e as relações com a religião e a espiritualidade**. 1ed.São Paulo, 2016, v. 1, p. 83-92.

MOUNTIAN, I. Estado laico: democracia, políticas públicas e psicologia. In: CRPSP. (Org.). (Org.). **Psicologia, laicidade e as relações com a religião e a espiritualidade**. 1ed.São Paulo, v. 1, p. 39-52, 2016.

OLIVEIRA, A. M. Preconceito, estigma e intolerância religiosa: a prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados Multiculturais. **Estudos de Sociologia - UFPE**, v. 13, n. 1, p. 219-244, 2007.

PAIVA, G. J. Representação social da religião em docentes-pesquisadores universitários. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 227-239, 1999.  
DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641999000200015>.

RAMOS, M. S.; SANTORO, A. C. S. Pensamento freireano em tempos de escola sem partido. **Inter-Ação**, v. 42, n. 1, p. 140-158, 2017.  
DOI: <https://doi.org/10.5216/ia.v42i1.44076>

ZEPEDA, J. de J. L. Secularização ou ressacralização? O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização. **RBCS**, v. 25, n. 73, p.129-178, 2010.  
DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092010000200008>

WEBER, M. **Ciência e política duas vocações**. São Paulo: Cultrix,1997.